

**UFMS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL  
FACH – FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**ARTHUR ZARDETTI ALVES NOGUEIRA.**

**O PROBLEMA MENTE-CORPO EM DESCARTES.**

**CAMPO GRANDE**

**2023**

ARTHUR ZARDETTI ALVES NOGUEIRA

**O PROBLEMA MENTE-CORPO EM DESCARTES.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciatura em filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Erickson Cristiano dos Santos.

**CAMPO GRANDE**

**2023**

Dedicado à memória viva de minha avó.·.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à sociedade que proporcionou que meus pais tivessem a união matrimonial e assim me concebessem, gostaria de agradecer aos meus pais que uma vez tendo me concebido, me educaram. Agradeço também aos meus professores que em toda minha vida ajudaram meus pais na difícil missão formadora da cidadania, em especial agradeço ao corpo docente do curso de filosofia que realizam um grandioso trabalho de formação do espírito e do caráter de seus alunos, gostaria de agradecer também aos colegas, que apesar das diversas dificuldades perseveraram.

O agradecimento especial aos colegas destina-se primeiramente ao Magdiel Trelha que me convidou para assistir uma aula experimental de filosofia enquanto eu ainda estava no ensino médio, ocorreu por caso fortuito no qual já possuindo o desejo de cursar maravilhosa matéria, encontrei-me com ele no ponto de ônibus e decidimos que eu assistiria a uma aula experimental.

Ao corpo docente do curso de filosofia agradeço imensamente o professor Erickson Cristiano dos Santos pelas inúmeras orientações e conversas que muitas vezes fugiam do escopo filosófico, mas que se demonstraram mui valiosas lições que hoje enxergo como indispensáveis para o bem viver. Por este motivo e por ser ele o orientador deste escrito, agradeço-o em nome de todo o corpo docente.

Agradeço aos meus pais não por mera obrigação ou amor filial mas simplesmente pelo fato de terem me concedido a vida.

Agradeço também a democracia Brasileira, resguardada pela constituição e seus defensores que possibilitaram dentre várias coisas a existência da união matrimonial.

Agradeço profundamente a possibilidade da coexistência pacífica entre os países, missão conquistada e se defendida como ideal em tempos anteriores acredito que seria intitulada utópica, mas ao olhar para tamanha magnificência da paz obtida atualmente<sup>1</sup> é realmente espantoso alguém encarar como normal tal coexistência, a despeito do fato de que a paz reina sob uma tensão nuclear existente a décadas penso em dizer apenas que talvez haja algo no mundo de

---

<sup>1</sup> Apesar do ano de publicação do atual escrito este agradecimento foi realizado antes do conflito entre a Rússia e a Ucrânia.

incerto, alguma capacidade intrínseca da existência humana para criar algo a partir da inexistência total e absoluta.

Um agradecimento também fica registrado à ONG proteção felina que atua nas imediações da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e que com grande e louvável esforço realizam a alimentação dos gatos que ali se encontram em condições de abandono.

## RESUMO

O problema mente-corpo em Descartes é uma questão filosófica refere-se à relação entre a mente e o corpo humano. O filósofo francês René Descartes é conhecido por sua teoria dualista, que afirma que a mente e o corpo são duas substâncias distintas e separadas. Ele argumenta que a mente é uma substância imaterial e não extensa, enquanto o corpo é uma substância material e extensa, e que a interação entre as duas substâncias ocorre através da glândula pineal no cérebro. No entanto, a teoria dualista de Descartes foi criticada por outros filósofos, que argumentaram que a relação mente-corpo não pode ser explicada dessa maneira, uma vez que não está claro como duas substâncias tão diferentes podem interagir entre si. O problema mente-corpo em Descartes continua a ser uma questão importante na filosofia e em outras áreas do conhecimento, como a psicologia e a neurociência. Enquanto alguns filósofos ainda apoiam a teoria dualista de Descartes, outros propõem abordagens mais integradas e holísticas para explicar a relação entre a mente e o corpo. O estudo desse tema é relevante para compreender a natureza humana e suas complexidades, bem como para aprimorar a compreensão de diversas áreas de estudo, incluindo a psicologia clínica, a neurociência cognitiva, a filosofia da mente e a medicina.

**Palavras-chaves:** Descartes, Corpo, Mente, Filosofia.

## Sumário

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO .....                                     | 6  |
| DÚVIDA CARTESIANA .....                              | 8  |
| MENTE ENQUANTO <i>RES COGITANS</i> .....             | 13 |
| CORPO EM DESCARTES ENQUANTO <i>RES EXTENSA</i> ..... | 15 |
| O DUALISMO CARTESIANO.....                           | 18 |
| PROBLEMA CORPO-MENTE.....                            | 20 |
| CONCLUSÕES.....                                      | 30 |
| BIBLIOGRAFIA.....                                    | 31 |

## INTRODUÇÃO

A relação entre a mente e o corpo humano é um tema complexo e controverso na filosofia e em outras áreas do conhecimento, como a psicologia e a neurociência. O problema mente-corpo em Descartes é uma questão central nesse debate, o filósofo francês propôs uma teoria dualista que afirma que a mente e o corpo são duas substâncias distintas e separadas. Embora essa teoria tenha sido criticada por outros filósofos, ela continua a ser uma referência para o estudo da relação entre a mente e o corpo. O atual problema é uma questão filosófica que se refere à relação entre a mente e o corpo humano. René Descartes, filósofo francês do século XVII, é conhecido por sua teoria dualista, que afirma que a mente e o corpo são duas substâncias distintas e separadas.

Segundo Descartes, a mente é uma substância imaterial e não extensa *res cogitans*, enquanto o corpo é uma substância material e extensa *res extensa*. Ele argumenta que a mente e o corpo interagem entre si através da glândula pineal, localizada no cérebro. Essa interação é necessária para explicar como as experiências mentais (como pensamentos e emoções) afetam o corpo (como movimentos e reações físicas) (DESCARTES, 2000).

No entanto, a teoria dualista de Descartes enfrentou críticas de outros filósofos, que argumentaram que a relação mente-corpo não poderia ser explicada dessa maneira. Um dos principais argumentos é que não está claro como duas substâncias tão diferentes podem interagir entre si.

Além disso, a teoria de Descartes também foi criticada por separar demais a mente e o corpo, sugerindo que não existe uma relação intrínseca entre as duas substâncias. Muitos filósofos posteriores argumentaram que a mente e o corpo são entidades mais intimamente conectadas, e que a relação entre elas é mais complexa do que a teoria dualista de Descartes sugere.

Neste trabalho de conclusão de curso, será abordado o problema mente-corpo em Descartes e suas implicações para a compreensão da natureza humana e suas complexidades. Serão apresentadas as principais ideias de Descartes sobre a mente e o corpo, bem como as críticas e questionamentos que sua teoria recebeu ao longo do tempo.

Além disso, serão discutidas outras abordagens que propõem uma relação mais integrada e holística entre a mente e o corpo, a fim de aprimorar a compreensão de

diversas áreas de estudo, incluindo a psicologia clínica, a neurociência cognitiva, a filosofia da mente e a medicina. A discussão desses temas é fundamental para compreender a relação entre a mente e o corpo humano.

## DÚVIDA CARTESIANA

O filósofo escolhido para esta discussão por uma doutrina filosófica menos perspicaz e mais desafiadora é Descartes, um filósofo francês conhecido por sua famosa frase "Penso, logo existo" e por seu método, chamado de método cartesiano, é considerado o pai da filosofia moderna porque introduziu uma visão e um método que colocam a razão humana em primeiro lugar, colocando assim o homem como um ser em busca do conhecimento. Sua filosofia assim vai muito além de suas ideias mais conhecidas, embora tenha dedicado a maior parte de sua vida a validá-las, fazendo importantes contribuições em vários campos do conhecimento. No entanto, para alcançar a tão almejada verdade do cogito, Descartes primeiro desafiou a educação que havia recebido desde cedo. O autor em Discurso do método analisou cuidadosamente os problemas que encontrou durante seus anos escolares, sem negar a contribuição da La Flèche e seus professores para a formação de sua personalidade e intelecto, onde ele adquiriu suas primeiras cartas. Após deixar a escola, ele procurou outras experiências em suas viagens e guerras, em contato com os pensadores da época; após estas aventuras, ele se dissociou e começou a estudar por conta própria, para finalmente tirar suas próprias conclusões, para ser mestre de sua própria mente, para encontrar a tão esperada verdade nas ciências:

Há algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente [...] desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera credito, e começar tudo novamente desde os fundamentos [...] Mas, parecendo-me ser muito grande essa empresa, aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela. (DESCARTES, 2005, p.85)

Depois de uma longa reflexão, René Descartes começou a usar o método para analisar as ideias que tinha. Ele usou o cogito para limpar o caminho dos erros e sofismas, a fim de chegar à verdade. Um trabalho que incentiva o senso crítico e cauteloso foi adotado com o fim de não admitir nada de duvidoso como verdadeiro, ele criticou o fato de que os cientistas não se importam com o que os atinge como conhecimento, que os indivíduos não se importam nem mesmo com coisas simples que os atingem, como o fato de que a soma de  $2 + 2$  é 4, mesmo que isto seja claro e óbvio para eles, que eles não pensam que o resultado pode ser diferente, como se isto fosse aceito como uma verdade indiscutível, porque o indivíduo não se importa em analisar o conteúdo em profundidade.

Descartes acreditava que o pecado iluminado não era analisar as informações, mas aceitar o que lhes chegava sem duvidar da veracidade do conhecimento, pois preferiam aceitar o que tinham recebido. O ato de questionar ideias é chamado de questionamento metódico, um procedimento que envolve uma análise cuidadosa de todos os conhecimentos e crenças que foram tomados como verdadeiros até aquele momento, e um exame para verificar se as informações recebidas são dignas de reconhecimento, se devem ser tomadas como verdadeiras. Para ele, a dúvida atua como uma ferramenta que lhe permite examinar tudo o que lhe é proposto, absorvendo apenas o que é mais confiável e inquestionável. Descartes utiliza a dúvida como um método capaz de fornecer conhecimento a quem o utiliza. A dúvida torna-se extremamente importante e pode ser utilizada no ensino da filosofia, pois a dúvida permite produzir mais conhecimento e também permite que apenas o verdadeiro seja revelado a partir das falsidades ou erros nas ideias apresentadas ao aluno. A dúvida serve como um filtro de informação. O uso da dúvida permite que o indivíduo explore as coisas em profundidade. A dúvida pode ser integrada nas lições para que os alunos a usem como um meio de descoberta, testando o que lhes vem à mente e ajudando-os a construir suas habilidades de pensamento crítico. Desta forma, a dúvida vai além das paredes da sala de aula e pode ser usada em qualquer situação (WITTGENSTEIN, 1922).

René Descartes no seu livro: *Meditações sobre a filosofia primeira* (1596-1650) busca algum conhecimento verdadeiro e confiável, com essa finalidade ele investiga no primeiro capítulo justamente o oposto, ou seja, para afirmar algo verdadeiro ele verifica tudo aquilo que pode ser duvidado, por esta razão a primeira meditação pode receber o subtítulo de sobre as coisas que podem ser postas em dúvida, existe um debate filosófico sobre o uso de tais subtítulos, argumenta-se que Descartes não realizou tais nomeações e que estes resumos foram feitos pela tradição filosófica ao longo da história. Porém, este debate enfatiza que ao adicionar tais nomeações no corpo do texto poderia assim modificar o sentido original do texto de maneira que o corpo editorial de uma época posterior a data da escrita do texto contaminasse a leitura dos textos, há aqueles que argumentam que tais recursos servem para uma melhor compreensão e que devem ser tidos como ferramentas de facilitação do entendimento do autor (DESCARTES, 2000) .

E isso é correto, pois resumos servem primeiramente a essa finalidade, mas há consenso em admitir que se devam evitar contaminações e essas quando existirem com um propósito didático deve ser indicado como tais há outro debate que discute a

possibilidade de os próprios Descartes ter realizado tais substituições, de fato tais recursos literários estão presentes no texto em latim apresentado pela editora Unicamp, contudo aqui é apresentado apenas que se trata de um debate aberto e existente (WITTGENSTEIN, 1922). Descartes no início de sua obra observa que não pode confiar em nenhum conhecimento que possui por serem possíveis de serem duvidadas, a posição que ele adota diante da possível afirmação ou negação de tal conhecimento é a suspensão do juízo, isso constitui a posição cética de Descartes na qual havendo a possibilidade de ser falso não se admite como tal, por igual razão não aceita como verdadeiro. Ou seja, por ser possível de duvidar há que se suspender o juízo e não afirmar como verdadeiro o que no final das contas pode ser falso ou também não negar aquilo que no final das contas pode ser verdadeiro, por este motivo é que podemos dizer que na primeira meditação há o momento destrutivo do texto que tenta ser superado nas próximas cinco meditações (DESCARTES, 2000).

O livro citado acima se intitula “meditações” pela natureza reflexiva desejada pelo autor, esse desejo transparece no texto quando o autor diz que está diante de uma lareira vestindo roupas de inverno, isso não se constitui como mero estilo literário, mas sim um momento argumentativo que introduz a dúvida acerca dos sentidos e da existência em si, trata-se de uma primeira dúvida que é negada de maneira insuficiente pelo autor no parágrafo seguinte e somente superada com a afirmação da existência de Deus na quinta meditação

Mas, talvez, apesar de os sentidos nos enganarem às vezes acerca de certas coisas miúdas e muito afastadas, muitas outras coisas haja, contudo, sobre as quais não se pode de modo algum duvidar, não obstante hauridas dos sentidos. Por exemplo, que agora estou aqui, sentado junto ao fogo, vestindo esta roupa de inverno, tendo este papel às mãos e coisas semelhantes. Em verdade, qual a razão para que possa negar essas próprias mãos e todo esse meu corpo?  
(Descartes 1596 – 1650)

Duvidar dos sentidos é colocar em dúvida toda a existência do mundo, por estarmos inseridos no mundo fenomênico, ou seja, neste mundo que experimentamos através dos sentidos ao negarmos tais fatos objetivos é estamos negando a existência do próprio corpo e conseqüentemente a existência enquanto considerada como identificada à matéria, mas se o corpo não existir há que se considerar ao menos que as substâncias das quais ele é composto são verdadeiras e com isso o autor se abstém da afirmação da existência do corpo (DESCARTES, 2000) .

Porém, reformula a questão que antes orbitava em torno da existência do corpo e que neste momento do texto trata das substâncias, por este motivo considera-se nas meditações que as ciências compostas são menos confiáveis, razão equivalente leva a crer que ciências como a aritmética e a geometria são menos possíveis de duvidar, vale lembrar que a afeição de Descartes pela Geometria é anterior a data de escrita das Meditações e foi descrita no Discurso do método “Comprazia-me sobretudo com as matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões.” (DESCARTES, 2000)

O processo argumentativo do autor não almeja questionar todas as coisas do mundo uma por uma, isso é um processo argumentativo diferente do que fez Agostinho de Hipona, pois este último faz o processo inverso e procurou nas coisas, ou seja, no mundo fenomênico a verdade última das coisas, o processo é realmente inverso ao de Descartes porque diferentemente de Agostinho, Descartes utiliza-se de um método reflexivo que busca a interiorização do processo argumentativo em forma de meditações, ou seja, na medida em que Agostinho encontra Deus de maneira argumentativa Descartes encontra por via oposta o eu enquanto coisa pensante, ou seja, enquanto Agostinho encontra Deus para depois se afirmar enquanto coisa, Descartes encontra a consciência de si enquanto substância pensante para depois afirmar a existência de Deus.

Porventura o céu e a terra te contêm, porque os enches? Ou será melhor dizer que os enches, mas que ainda resta alguma parte de ti, já que eles não te podem conter? (Confissões Agostinho)

De fato o processo argumentativo de Descartes difere do de Agostinho de Hipona mas o intuito não é perguntar sobre todas as coisas do mundo para assim verificar algo verdadeiro como fez Agostinho, mas sim verificar se existe um fundamento inicial no qual todo o conhecimento é apoiado, para ele a base de todo o conhecimento são os sentidos, apesar de duvidar das bases de todo o conhecimento ele ainda sim busca por algo firme e sólido, ou seja, busca-se por uma filosofia ao modo dos geômetras ou melhor, um saber *puro* que é definido como aquele conhecimento que consiste em não utilizar os sentidos para sua obtenção.

Com efeito, tudo o que admiti até agora como que há de mais verdadeiro, eu o recebi dos sentidos ou pelos sentidos. Ora, notei que os sentidos às vezes enganam e é prudente nunca confiar completamente nos que, seja uma vez, nos enganaram. (Descartes, René, 1596 - 1650)

Afirmar que o mundo não existe é um passo argumentativo que o autor em questão não realiza, contudo ao duvidar do meio pelo qual interagimos com o mundo quebra o vínculo causal do *ser* com o mundo de uma maneira experiencial, a ruptura de tal nexos causal não constitui a negação do mundo racionalmente, mas sim uma impossibilidade de experiência a existência ou inexistência do mundo, contudo é possível por um processo imaginário individual auscultar como seria viver sem nenhum sentido, mas isso é recorrer a uma imagem mental experiencial do mundo sem os sentidos, contudo, mesmo que alguém não tenha nenhum dos 6 sentidos ainda existiria a racionalidade.

Por outro lado, existem as consequências da suspensão do juízo de todo o conhecimento obtido através dos sentidos, pode-se afirmar que se trata de um conhecimento que pode ser duvidado, tanto o dos sentidos, quanto do mundo que é experienciado através dos sentidos, isso constitui um ataque aos pilares de todo o conhecimento, ataque este reconhecido pelo autor:

Faz alguns anos já, dei-me conta de que admitira desde a infância muitas coisas falsas por verdadeiras e de quão duvidoso era o que depois sobre elas construí. Era preciso, portanto, que, uma vez na vida, fossem postas abaixo todas as coisas, todas as opiniões em que até então confiara, recomeçando dos primeiros fundamentos, se desejasse estabelecer em algum momento algo firme e permanente nas ciências. (Descartes, 1596 – 1650)

## MENTE ENQUANTO RES COGITANS

Em sua segunda meditação Descartes parte para uma profunda análise daquilo que pode ser verdadeiro, tratada a dúvida no primeiro capítulo do livro o autor verifica que não sobrou nenhum conhecimento que ainda possa confiar “E prosseguirei até conhecer algo certo ou, na falta de outra coisa, que pelo menos reconheça como certo que nada há que seja certo.” (Descartes) para além de considerar algo como verdadeiro ou falso o autor tenta verificar um ponto fixo do conhecimento para que assim buscasse modificar todo o pensamento de uma época (DESCARTES, 2000) .

O autor ao duvidar da extensão, movimento, espaço, tempo e todas as coisas experienciais sucede que também duvidou de si, contudo na medida de que pensou em tamanha e engenhosa critica a respeito do mundo verifica que há em si algo, a saber: a persuasão ou pensamento. Ocorre que de fato, pode haver um arquiteto que fez o autor a se enganar toda vez que pensasse estar certo, mas de fato, aqui se encontra em um primeiro momento a possibilidade da existência enquanto pensamento.

Mas há um enganador, não sei quem, extremamente poderoso, extremamente astuto, que sempre me engana por sua indústria. Portanto, não há dúvida de que se ele me engana, eu também sou um: deixe-o me enganar o máximo que puder, ele nunca o fará, mas ele não me fará nada enquanto eu acreditar que sou algo. Assim, depois de ter considerado e examinado todas as coisas, devemos finalmente descobrir que esta proposta eu, eu, eu existo certamente é verdadeira sempre que a pronuncio ou a concebo em minha mente (Descartes, René, 1596 – 1650.)

O autor na segunda meditação verifica que uma vez que pensa não poderia ser ele nada senão alguma coisa, de fato aqui não se toma a existência enquanto como algo corpóreo, fenomênico, sensível ou passível de mutação segundo as leis da física, ao contrário, toma-se a existência enquanto pensar que é imaterial, *substância pensante*, *coisa pensante* ou *res cogitans*, contudo, não se tem aqui uma prova da imortalidade da alma, esta virá a ser comprovada somente na quinta meditação após a prova da existência de Deus .

Destaca-se o fato de que Descartes ao analisar a mente realiza uma oposição entre o mundo sensível e mundo metafísico, ou seja, aquilo que nossas mãos por meio do tato podem tocar é oposto a nossa verdadeira natureza existencial.

Suponho, portanto, fazem as, todas as coisas que vejo: creio que nunca existiu nada do que a memória mendaz representa; não tenho nenhum dos sentidos todos: corpo, figura, extensão, movimento e lugar são quimeras. Que será, Então, verdadeiro? Talvez isto somente: nada é certo. (Descartes, René, 1596 – 1650.)

A oposição se dá pela negação total e completa de tudo aquilo que é experiencial através dos sentidos, dizendo de outra maneira, Descartes através da dúvida metódica compreende que não pode confiar em nada que não seja o próprio pensamento, pensamento este que para ele é imaterial e constitui-se como substância.

## **CORPO EM DESCARTES ENQUANTO *RES EXTENSA***

Descartes abordou a transição de *res cogitans* para *res extensa*, da essência para a existência, enfocando o mundo empírico. Considerado um idealista radical, ele não ignora este último. Ele tem que provar que o mundo material existe. Ele procura provar isto com grande convicção, recorrendo a imagens claras e explícitas das coisas materiais. Sem sensação e percepção, é impossível determinar a materialidade.

Ao negar tudo aquilo que é experiência através dos sentidos Descartes duvida da existência do próprio corpo que para ele é definido como:

Entendo por corpo tudo o que pode terminar por alguma figura, estar circunscrito em algum lugar e preencher um espaço do qual exclui todo outro corpo. É percebido pelo tato, pela vista, pelo ouvido, pelo gosto e pelo olfato e é, também, movido de muitos modos, não em verdade por si mesmo, mas por outro, que o toca e do qual recebe a impressão, pois, ter a força de mover-se a si mesmo, de sentir e de pensar, de modo algum julgava pertencer à natureza do corpo. Ao contrário, ficava antes admirado de encontrar tais faculdades em certos corpos. (Descartes, René, 1596 – 1650.)

Ao descrever o corpo como algo que é percebido pelos sentidos pode-se então duvidar da existência deste corpo, vale lembrar que o conceito de *coisa extensa* para descartes engloba não somente o corpo, mas tudo aquilo que é dotado de matéria, ou seja, todos os conhecimentos da física contemporânea dizem respeito apenas das *coisas extensas*, de fato o termo “corpo” usado aqui está sendo usado de maneira errônea pois para a filosofia Cartesiana entende-se tudo aquilo que possui medidas espaciais, mas como o corpo humano é dotado de extensão pode-se aplicar o conceito a ele (DESCARTES, 2000) .

O autor verifica na primeira meditação que não pode confiar nos sentidos, mas o corpo, espaço e tempo não poderiam por outro lado não existir, Kant mais tarde em sua obra, *CRITICA DA RAZÃO PURA* verifica a respeito do espaço que se trata de uma condição da existência dos fenômenos, “o espaço não é senão a forma de todos os fenômenos dos sentidos externos, isto é, a condição subjetiva da sensibilidade unicamente sob a qual nos é possível à intuição externa” (KANT, 2003). E o espaço para ele é “o tempo nada mais é senão a forma do sentido interno, isto é, do intuir nós mesmos e nosso estado interno” (KANT, 2003).

A dúvida cética aqui se encontra na possibilidade de existir um Arquiteto criador do mundo que pode todas as coisas e que teria assim o poder de ilusão para que imaginássemos a existência de todas as coisas mas que na realidade não existiria coisa

alguma, dessa maneira, tal Arquiteto teria nos criado de maneira tal para que sempre errássemos, contudo, Descartes atribuiu a criação a um Deus e quanto isso acredita que ele é sumamente bom, ou seja, não poderia ter-nos feito para que sempre errássemos, o motivo é que ao criar algo que erra, teria que admitir-se que Deus é enganador, e se algo ou alguém engana, fica evidente que há uma falha nesse ser e não poderia ser Deus algo que possuísse falhas, então por este motivo Deus é bom.

Com efeito, esta é uma apresentação que só será feita na quinta meditação com a comprovação da existência de Deus, o foco na primeira meditação é introduzir o conceito de que talvez Deus seja enganador, e que por isso talvez seja possível negar a existência de coisas físicas.

Entretanto, há uma velha crença embutida em minha mente de que existe um Deus que pode criar todas as coisas e para quem eu sou criado como sou. Mas como sei que Ele não criou que não há terra, nem céu, nem coisa vasta, nem figura, nem tamanho, nem lugar, e ainda assim sinto todas essas coisas, e ainda assim não me parece que todas elas existam de outra forma do que existem agora?(Descartes, René, 1596 – 1650.)

Em Descartes, a noção de corpo é entendida como uma *res extensa*, ou seja, uma substância que ocupa espaço e é mensurável. Ele distingue o corpo da mente, que é uma *res cogitans*, uma substância pensante. De acordo com Descartes, o corpo é governado por leis mecânicas e pode ser compreendido por meio da matemática. Na obra “Meditações sobre a Filosofia Primeira” o autor argumenta que, embora a mente e o corpo sejam substâncias diferentes, eles estão conectados e interagem entre si. Ele identifica a glândula pineal como o ponto de conexão entre a mente e o corpo. Descartes também enfatiza a importância do corpo como um meio para a ação no mundo material.

Em “O Discurso do Método”, o filósofo discute a natureza do corpo em relação à saúde e à medicina. Ele argumenta que o conhecimento do corpo e de sua estrutura é fundamental para a prática da medicina, mas também alerta para a importância de entender as causas subjacentes das doenças, que podem estar relacionadas a fatores emocionais e mentais.

A concepção de Descartes sobre o corpo como uma *res extensa* influenciou o pensamento científico e filosófico subsequente. Por exemplo, a teoria da mecânica newtoniana, que descreve o movimento dos corpos materiais em termos de leis físicas precisas, é baseada em parte na visão cartesiana do corpo como governado por leis mecânicas.

Sendo assim, a concepção de Descartes sobre o corpo como uma *res extensa* e sua relação com a mente enquanto *res cogitans* é uma das principais contribuições da filosofia moderna para a compreensão do ser humano e do mundo material.

## O DUALISMO CARTESIANO

O dualismo cartesiano é uma teoria filosófica que foi proposta pelo filósofo francês René Descartes no século XVII. Essa teoria postula que existem duas substâncias diferentes e independentes no universo: a mente (ou alma) e o corpo. Essas substâncias são distintas em sua natureza, e o dualismo cartesiano sugere que a mente e o corpo são separados, mas que se relacionam de alguma forma.

A ideia do dualismo cartesiano foi exposta pela primeira vez na obra "Meditações sobre a Filosofia Primeira", publicada em 1641. Nessa obra, Descartes afirma que a mente é uma substância pensante, enquanto o corpo é uma substância extensa, material e não pensante. argumenta-se que a mente e o corpo são diferentes em sua natureza e que, portanto, são governados por leis diferentes.

Essa teoria tem implicações importantes para a compreensão da natureza humana. Por exemplo, o dualismo cartesiano sugere que a mente é responsável pelo pensamento e pela consciência, enquanto o corpo é responsável por ações e sensações físicas. Embora o dualismo cartesiano seja uma teoria influente na filosofia, ele também é controverso. Muitos filósofos e cientistas questionam como a mente e o corpo podem interagir, dada a sua suposta separação. Além disso, alguns argumentam que a mente e o corpo são de fato entidades inseparáveis, em vez de substâncias distintas. Sendo assim, o dualismo cartesiano é uma teoria filosófica que postula a existência de duas substâncias independentes no universo: a mente e o corpo. Essa teoria influenciou o pensamento ocidental e tem implicações importantes para a compreensão da natureza humana.

Descartes ao duvidar da existência das *coisas extensas* suspende o juízo sobre tais coisas, entretanto para ele a existência é dada pelo pensamento porque uma vez que tudo aquilo que possui extensão é posto em dúvida ainda não se pode duvidar de que ele pensa na medida em que dúvida, ele faz esse passo argumentativo colocando em oposição o corpo ao pensamento, sendo a primeira uma *coisa extensa* e a segunda uma *coisa pensante* à qual ele atribui a verdadeira existência.

De fato, qual deles eu atribuo à alma? Vejamos, algum deles está em mim: alimentando e andando? Como eu não tenho mais corpo, eles não são mais ficções. Sentimento? Bem, isso também não acontece sem um corpo, e muitas das coisas que eu pensava ter sentido em meus sonhos, mais tarde percebi que não tinha sentido. Pensando? Descubri: o pensamento existe, e só ele não pode ser separado de mim. (Descartes, René, 1596 - 1650.)

Com o acima descrito já se pode afirmar que há a identificação do pensamento com o ser, também é possível a partir da citação acima dizer que há na filosofia Cartesiana um Dualismo entre coisa pensante enquanto coisa verdadeiramente existente e a coisa extensa enquanto possível de ser posta em dúvida. Contudo, a respeito do problema mente-corpo na visão dualista cartesiana podemos dizer que é inconclusiva, pois, Descartes, em seu livro paixões da alma foi inconclusivo, caindo em contradição, pois segundo o argumento da glândula pineal há a necessidade de a alma possuir algo diferente de sua natureza, ou seja, a alma teria a necessidade de possuir uma extensão mesmo que muito pequena. Por este motivo, é válido analisar por que a alma é necessariamente imaterial e essencialmente coisa pensante, em contrapartida, por que o corpo é essencialmente material, creio que com a análise destes fundamentos conseguiremos explicar a imaterialidade da alma na filosofia cartesiana, Descartes descreve o corpo antes de conceber a mente enquanto coisa pensante ele define o que entende por corpo, deriva-se disso que a mente para descartes é concebida em uma argumentação pela negação de toda a materialidade e pela continuidade da existência do imaterial sem o material, este processo argumentativo pode ser traduzido em termos lógicos formal como: A: Corpo é material; B: Mente é imaterial. Descartes contradiz-se ao tentar responder a esta pergunta, isso se deve ao problema de duas coisas de naturezas distintas encontrarem sua objetificação em uma e mesma coisa.

## PROBLEMA CORPO-MENTE

A primeira versão é encontrada neste trecho da *Sexta Meditação*:

Por um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou simplesmente uma coisa pensante, não extensa isto é, uma mente, e, por outro lado, tenho uma ideia distinta de corpo, na medida em que este é simplesmente uma coisa extensa e não pensante. E, portanto, é certo que sou realmente distinto de meu corpo e posso existir sem ele  
(Descartes, René, 1596 - 1650.)

Observe que o argumento é dado da perspectiva da primeira pessoa (assim como todas as *Meditações*). Esse “eu” é, claro, Descartes na medida em que ele é uma coisa ou mente pensante, e o argumento pretende funcionar para qualquer “eu” ou mente. Portanto, para os presentes propósitos, é seguro generalizar o argumento substituindo “eu” por “mente” nos lugares relevantes: Tenho uma ideia clara e distinta da mente como uma coisa pensante e não extensa; Tenho uma ideia clara e distinta do corpo como uma coisa extensa e não pensante; Portanto, a mente é realmente distinta do corpo e pode existir sem ele.

À primeira vista, pode parecer que, sem justificativa, Descartes está afirmando sem rodeios que concebe a mente e o corpo como duas coisas completamente diferentes e que, a partir de sua concepção, está inferindo que ele (ou qualquer mente) pode existir sem o corpo. Mas esta não é uma afirmação contundente e injustificada. Muito mais está em jogo aqui: mais notavelmente o que está em ação é sua doutrina de ideias claras e distintas e sua garantia verídica.

De fato, supõe-se que a verdade de sua percepção intelectual das naturezas da mente e do corpo seja garantida pelo fato de que essa percepção é “clara e distinta”. Uma vez que a justificativa para essas duas premissas repousa diretamente na garantia verídica de tudo o que é “clara e distintamente” percebido, uma breve viagem explicando essa doutrina está em ordem.

Descartes explica o que entende por “ideia clara e distinta” em sua obra *Princípios de Filosofia* na parte I, seção 45. Aqui ele compara uma percepção intelectual clara a uma percepção visual clara. Então, assim como alguém pode ter uma percepção visual nitidamente focada de algo, uma ideia é clara quando está em um foco intelectual nítido. Além disso, uma ideia é distinta quando, além de clara, todas as outras ideias que não pertencem a ela são completamente excluídas dela. Descartes, então, percebe clara e distintamente a mente como possivelmente existindo por si mesma, e o corpo como

possivelmente existindo por si só. Mas Descartes não poderia estar de alguma forma enganado sobre suas ideias claras e distintas? Dada a existência de tantos corpos não pensantes como pedras, não há dúvida de que corpos podem existir sem mentes (JAMES, 1999). Então, mesmo que ele possa se enganar sobre o que ele entende clara e distintamente, há outras evidências em apoio à premissa 2. Mas as mentes podem existir sem corpos?

O pensamento pode ocorrer sem um cérebro? Se a resposta a esta pergunta for “não”, a primeira premissa seria falsa e, portanto, Descartes estaria equivocado sobre uma de suas percepções claras e distintas. De fato, uma vez que não temos experiência de mentes realmente existindo sem corpos, como temos de corpos realmente existindo sem mentes, o argumento será válido apenas se a compreensão clara e distinta de Descartes da natureza da mente de alguma forma garantir a verdade da premissa 1; mas, neste ponto, não é evidente se a percepção “clara e distinta” de Descartes garante a verdade de alguma coisa (WITTGENSTEIN, 1922).

No entanto, na Quarta Meditação, Descartes faz grandes esforços para garantir a verdade de tudo o que é claro e distintamente entendido. Esta garantia verídica é baseada nas teses de que Deus existe e que não pode ser um enganador. Esses argumentos, embora muito interessantes, são numerosos e complexos e, portanto, não serão discutidos aqui. Basta dizer que, uma vez que Descartes acredita ter estabelecido à incapacidade de Deus de enganar com absoluta certeza geométrica, ele teria de considerar qualquer coisa que contradissesse essa conclusão como falsa.

Além disso, Descartes afirma que não pode deixar de acreditar que ideias claras e distintas são verdadeiras. No entanto, se Deus colocasse nele uma ideia clara e distinta que era falsa, então ele não poderia deixar de acreditar que uma falsidade era verdadeira e, para piorar as coisas, ele nunca seria capaz de descobrir o erro. Visto que Deus seria o autor dessa falsa ideia clara e distinta, ele seria a fonte do erro e seria, portanto, um enganador, o que deve ser falso. Portanto, todas as ideias claras e distintas devem ser verdadeiras, porque é impossível que sejam falsas dadas a natureza não enganosa de Deus. Dito isso, a clareza e a distinção da compreensão de mente e corpo de Descartes garantem a verdade da premissa 1. Portanto, ambas as premissas “claras e distintas” não são afirmações diretas e injustificadas do que ele acredita, mas têm um suporte racional muito forte de dentro de Descartes ' sistema.

No entanto, se for descoberto que Deus não existe ou que ele pode ser um enganador, todas as apostas serão canceladas. Não haveria mais garantia verídica do que se compreende clara e distintamente e, por consequência, a primeira premissa poderia ser falsa. Consequentemente, a premissa 1 não impediria a existência de mentes que requerem cérebros e, portanto, essa premissa não seria absolutamente certa como Descartes supôs. No fim, essas verdades garantidas expressam alguns pontos muito importantes sobre a concepção de mente e corpo de Descartes. Observe que mente e corpo são definidos como opostos completos. Isso significa que as ideias de mente e corpo representam duas naturezas que não têm absolutamente nada em comum.

E é essa completa diversidade que estabelece a possibilidade de sua existência independente. Mas, como pode Descartes fazer uma inferência legítima de sua *compreensão* independente da mente e do corpo como coisas completamente diferentes de sua *existência independente*? Para responder a essa pergunta, lembre-se de que toda ideia de coisas limitadas ou finitas contém a ideia de existência possível ou contingente e, portanto, Descartes concebe a mente e o corpo como possivelmente existentes por si mesmos, sem nenhuma outra criatura.

Como não há dúvida sobre essa possibilidade para Descartes e dado o fato de que Deus é todo-poderoso, segue-se que Deus poderia trazer à existência uma mente sem um corpo e vice-versa, assim como Descartes os compreende clara e distintamente. Portanto, o poder de Deus torna a possibilidade lógica percebida por Descartes de mentes existentes sem corpos em uma possibilidade metafísica. Como resultado, mentes sem corpos e corpos sem mentes não precisariam de nada além da concordância de Deus para existir e, portanto, são duas substâncias realmente distintas.

O argumento que acabamos de examinar é formulado de maneira diferente mais adiante na *Sexta Meditação*:

Aqui é uma grande diferença entre a mente e o corpo, na medida em que o corpo é por sua própria natureza sempre divisível, enquanto a mente é totalmente indivisível. Pois quando considero a mente, ou a mim mesmo enquanto sou meramente uma coisa pensante, sou incapaz de distinguir quaisquer partes dentro de mim; Entendo-me como algo inteiramente único e completo... Em contraste, não há nenhuma coisa corpórea ou extensa que eu possa pensar que em meu pensamento eu não possa facilmente dividir em partes; e esse mesmo fato me faz entender que é divisível. Este único argumento seria suficiente para me mostrar que a mente é completamente diferente do corpo. (Descartes, René, 1596 - 1650.)

Esse argumento pode ser reformulado da seguinte forma, substituindo “mente” por “eu” como na primeira versão: Entendo que a mente é indivisível por sua própria natureza; Entendo que o corpo é divisível por sua própria natureza; Portanto, a mente é

completamente diferente do corpo. Observe que a conclusão de que mente e corpo são realmente distintos não é declarada explicitamente, mas pode ser inferida a partir de 3. O que é interessante nessa formulação é como Descarte chega a essa conclusão. Ele não afirma uma compreensão clara e distinta dessas duas naturezas como completamente diferentes, mas, em vez disso, defende seu ponto de vista com base em uma propriedade particular de cada uma. No entanto, esta não é uma propriedade qualquer, mas uma propriedade que cada um tem “por sua própria natureza”. A natureza de algo é exatamente o que é ser esse tipo de coisa e, portanto, o termo “natureza” está sendo usado aqui como sinônimo de “essência”.

Por conta disso, a extensão constitui a natureza ou essência dos tipos corporais de coisas; enquanto o pensamento constitui a natureza ou essência dos tipos mentais de coisas. Então, aqui Descarte está argumentando que uma propriedade do que é ser um corpo, ou coisa extensa. A linha de raciocínio de Descartes em apoio a essas afirmações sobre as respectivas naturezas da mente e do corpo é a seguinte. Primeiro, é fácil ver que os corpos são divisíveis. Basta pegar qualquer corpo, digamos, um lápis ou um pedaço de papel, e quebrá-lo ou cortá-lo ao meio. (SPINOZA, 2017)

Aqui deve ser notado que uma diferença em qualquer propriedade não essencial teria mostrado apenas que a mente e o corpo não são exatamente os mesmos. Mas esta é uma afirmação muito mais fraca do que a conclusão de Descartes de que eles são completamente diferentes. Pois duas coisas podem ter a mesma natureza, por exemplo, extensão, mas ter outras propriedades mutáveis ou modos que as distinguem. Portanto, essas duas coisas seriam diferentes em algum aspecto, por exemplo, na forma, mas não completamente diferentes, pois ambas ainda seriam tipos estendidos de coisas. Consequentemente, Descartes precisa de sua completa diversidade para afirmar que ele tem concepções completamente independentes de cada um e, por sua vez, que a mente e o corpo podem existir independentemente um do outro.

Descarte pode chegar a essa conclusão mais forte porque essas propriedades essenciais são contraditórias. Por um lado, Descartes argumenta que a mente é indivisível porque ele não pode perceber a si mesmo como tendo partes. Por outro lado, o corpo é divisível porque ele não pode pensar em um corpo exceto como tendo partes. Portanto, se a mente e o corpo tivessem a mesma natureza, seria uma natureza com e sem partes. No entanto, tal coisa é ininteligível: como algo poderia ser separável em partes e ainda não separável em partes? A resposta é que não pode e, portanto, mente e

corpo não podem ser a mesma coisa, mas duas naturezas completamente diferentes. Observe que, como na primeira versão, mente e corpo estão sendo definidos como opostos. Isso implica que o corpo divisível pode ser entendido sem a mente indivisível e vice-versa. Porém, diferentemente da primeira versão, Descartes não invoca a doutrina das ideias claras e distintas para justificar suas premissas. Se tivesse, esta versão, como a primeira, seria absolutamente certa dentro do próprio sistema epistemológico de Descartes. Mas, se retirado desse aparato, é possível que Descartes esteja enganado sobre a indivisibilidade da mente, pois a possibilidade de a mente exigir um cérebro para existir ainda seria viável. Isso significaria que, como a extensão faz parte da natureza da mente, ela, sendo uma coisa extensa, seria composta de partes e, portanto, seria divisível. Como resultado, Descartes não poderia legitimamente chegar à conclusão de que mente e corpo são completamente diferentes. Isso também significaria que a conclusão implícita de que mente e corpo são realmente distintos também não poderia ser alcançada.

A distinção real entre mente e corpo com base em suas naturezas completamente diversas é a raiz do famoso problema mente-corpo: como essas duas substâncias com naturezas completamente diferentes podem interagir causalmente para dar origem a um ser humano capaz de ter movimentos corporais voluntários? E sensações? Embora várias versões desse problema tenham surgido ao longo dos anos, esta seção será dedicada exclusivamente à versão confrontada por Descartes, expressa por Pierre Gassendi, autor da Quinta Objeção e correspondente de Descartes, a princesa Isabel da Boêmia. A preocupação deles surge da afirmação central do argumento da distinção real de que a mente e o corpo são coisas completamente diferentes ou opostas. A completa diversidade de suas respectivas naturezas tem sérias consequências para os tipos de modos que cada um pode possuir. Por exemplo, na Segunda Meditação, Descartes argumenta que ele nada mais é do que uma coisa pensante ou mente, ou seja, Descartes argumenta que ele é uma “coisa que duvida, compreende, afirma, nega, quer, não quer, e também imagina e tem percepções sensoriais”. Não faz sentido atribuir tais modos a coisas inteiramente extensas e não pensantes como pedras e, portanto, apenas mentes podem ter esses tipos de modos. Por outro lado, não faz sentido atribuir modos de tamanho, forma, quantidade e movimento a coisas pensantes não estendidas. Por exemplo, o conceito de uma forma não estendida é ininteligível. Portanto, uma mente não pode ser entendida como moldada ou em movimento, nem um corpo pode entender ou sentir

qualquer coisa. Os seres humanos, no entanto, devem ser combinações de mente e corpo de tal forma que as escolhas da mente podem causar modos de movimento no corpo.

A capacidade da mente de causar movimento no corpo será abordada primeiro. Tomemos, por exemplo, uma escolha voluntária, ou disposição, de levantar a mão na sala de aula para fazer uma pergunta. O movimento do braço para cima é o efeito, enquanto a escolha de levantá-lo é a causa. Mas querer é um modo apenas da mente não estendida, enquanto o movimento do braço é um modo apenas do corpo estendido: como pode a mente não estendida produzir esse efeito estendido? É esse problema do movimento corporal voluntário ou o chamado problema da “causação mente-corpo” que tanto incomodou Gassendi e Elizabeth. O cerne de sua preocupação era que, para que uma coisa causasse movimento em outra, elas deveriam entrar em contato uma com a outra, como, por exemplo, no jogo de bilhar, a bola branca deve estar em movimento e entrar em contato com as oito. -bola para que esta seja colocada em movimento. O problema é que, no caso de movimentos corporais voluntários, o contato entre a mente e o corpo seria impossível devido à natureza não estendida da mente.

Isso ocorre porque o contato deve ser entre duas superfícies, mas a superfície é um modo de corpo, como afirmado em Princípios de Filosofia parte II, seção 15. Portanto, a mente não tem uma superfície que possa entrar em contato com o corpo e fazer com que ele se mova. Assim, parece que se a mente e o corpo são completamente diferentes, não há explicação inteligível para o movimento corporal voluntário.

A causa desse modo seria explicada pelo movimento de vários corpos imperceptíveis, fazendo com que partes do olho se movam depois movimentos no nervo óptico, que por sua vez fazem com que vários “espíritos animais” se movam no cérebro e, finalmente, resultem no sensorial. Ideia da árvore na mente. Mas como pode o movimento dos “espíritos animais”, que foram pensados como corpos muito finos, provocar a existência de uma ideia sensorial quando a mente é incapaz de receber modos de movimento devido à sua natureza não extensa? Novamente, uma vez que a mente é incapaz de ter movimento e uma superfície, nenhuma explicação inteligível das sensações também parece possível. Portanto, as naturezas completamente diferentes da mente e do corpo parecem impossibilitar sua interação causal. As consequências desse problema são muito sérias para Descartes, pois mina sua pretensão de ter uma compreensão clara e distinta da mente sem o corpo. Pois os humanos têm sensações e

movem voluntariamente alguns de seus membros corporais e, se Gassendi e Elizabeth estiverem corretos, isso requer uma superfície e contato. Como a mente deve ter uma superfície e uma capacidade de movimento, a mente também deve ser estendida e, portanto, mente e corpo não são completamente diferentes. Isso significa que as ideias “claras e distintas” de mente e corpo, como naturezas mutuamente exclusivas, devem ser falsas para que ocorra a interação causal mente-corpo. Portanto, Descartes não estabeleceu adequadamente que mente e corpo são duas substâncias realmente distintas.

Assim, a resposta de Descartes ao problema mente-corpo é dupla. Primeiro Descartes afirma que uma resposta a essa questão pressupõe uma explicação da união entre a mente (ou alma) e o corpo. Em segundo lugar, Descartes afirma que a própria questão decorre da falsa pressuposição de que duas substâncias com naturezas completamente diferentes não podem agir uma sobre a outra. Um exame mais aprofundado desses dois pontos ocorrerá na ordem inversa. Princípios de causalidade de Descartes apresentados na Terceira Meditação estão no cerne desta segunda pressuposição. A parte relevante dessa discussão é quando Descartes argumenta que o menos real não pode causar algo que seja mais real, porque o menos real não tem realidade suficiente para trazer algo mais real do que ele mesmo. Este princípio aplica-se ao nível geral das substâncias e modos. Por isso, uma substância infinita, isto é, Deus, é a coisa mais real porque só ele não precisa de mais nada para existir; as substâncias criadas e finitas são as próximas mais reais, porque requerem apenas a atividade criativa e conservadora de Deus para existir; e, finalmente, os modos são os menos reais, porque requerem uma substância criada e uma substância infinita para existir. Portanto, segundo esse princípio, um modo não pode causar a existência de uma substância, pois os modos são menos reais que as substâncias finitas. Da mesma forma, uma substância finita criada não pode causar a existência de uma substância infinita. Mas uma substância finita pode causar a existência de outra substância finita ou um modo (já que os modos são menos reais que as substâncias). O argumento de Descartes poderia ser que as naturezas completamente diversas da mente e do corpo não violam esse princípio causal, uma vez que ambas são substâncias finitas que causam modos de existir em alguma outra substância finita. Isso indica ainda que a “atividade” da mente no corpo não requer contato e movimento, sugerindo assim que a mente e o corpo não mantêm uma relação causal mecanicista entre si. A primeira pressuposição diz respeito a uma explicação de

como a mente está unida ao corpo. As observações de Descartes sobre esse assunto estão espalhadas tanto em suas obras publicadas quanto em sua correspondência privada. Esses textos indicam que Descartes não sustentava que os movimentos corporais voluntários e as sensações surgem por causa da interação causal da mente e do corpo por contato e movimento. Em vez disso, ele mantém uma versão da teoria forma-matéria da união alma-corpo endossada por alguns de seus predecessores e contemporâneos escolástico-aristotélicos. Embora não seja possível fazer aqui uma análise detalhada dos textos em questão, pode-se fornecer um breve resumo de como essa teoria funciona para Descartes.

Antes de fornecer este resumo, no entanto, é importante negar que esta interpretação escolástico-aristotélica é uma posição minoritária entre os estudiosos de Descartes. A visão tradicional sustenta que o ser humano de Descartes é composto de duas substâncias que interagem causalmente de maneira mecanicista. Essa visão tradicional levou alguns dos sucessores de Descartes, como Malebranche e Leibniz (que também acreditavam na distinção real entre mente e corpo), a conceber sistemas metafísicos em que mente e corpo não interagem causalmente, apesar das aparências em contrário (WITTGENSTEIN, 1922).

## CONCLUSÕES

O problema mente e corpo ou o problema da identidade pertencem à filosofia da linguagem que por sua vez está de certa forma, inserida dentro da escola analítica da filosofia esses temas podem ser tomados como um consenso filosófico, questionar-se sobre tal problemática é na verdade questionar-se sobre o materialismo.

Tendo em vista que para o materialismo haveria uma identidade entre a materialidade enquanto mundo fenomênico e o mundo metafísico enquanto aquilo que está além do mundo fenomênico, de fato o termo “metafísica” aqui é usado em seu sentido dicionarista, contudo considera-se aqui o argumento de que o materialismo identifica a coisa pensante com a coisa extensa.

Dessa maneira surge problemas éticos para a medicina no tocante ao transplante cerebral enquanto possibilidade de transplante de consciência, pois ao considerar o cérebro enquanto materialidade tem-se a consciência tomada enquanto coisa física possível de ser transplantada , contudo, o materialismo ao retornar ao debate em termos daquilo que é necessário ou contingente vê-se em uma posição desconfortável. Em termos filosóficos diferentes ao haver a identificação da coisa pensante com a glândula pineal relega-se tudo ao materialismo.

Existem proposições nulas de sentido enquanto fato contingente e não enquanto fato necessário. A existência de sátiros mediante determinadas condições pode ser possível, mas o debate sobre tal existência não precisa ser discutido sob a égide de que seja necessário a não existência de sátiros. Em termos lógicos estes problemas são resumidos como um paradoxo no qual “A=B”.

## **BIBLIOGRAFIA**

DESCARTES, R. *Discursos do Método / As Paixões da Alma / Meditações*; os Pensadores. NOVA CULTURAL, 2000.

DESCARTES, R. *Discurso do método & Ensaios*..

DESCARTES, René. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Tradução: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004. (Ed. bilíngue em latim e português).

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos*. São Paulo: Martin Claret, 2003, 141 p.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução: Valério Rohden; Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KRIPKE, S. A. *Naming and Necessity*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2003.

AGOSTINHO, S.; SANTOS, J. O.; PINA, A. A. DE. *Confissões*. 28ª edição; Ed Vozes, 2015.

## **BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA**

MILLER, A. *Filosofia da Linguagem*. Tradução Evandro Luis Gomes 1ª edição ed. Paulus, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Londres: Routledge, 1922.

CHALMERS, A. F. *O que É Ciência Afinal?* 1ª edição ed. Brasiliense, 1993.

MARCONDES, D. *Textos básicos de filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 2ª edição ed. [s.l.] Zahar, 1999.

O'Brien. D, *introdução a teoria do conhecimento* – 1ª ED.(2013)

VÁRIOS. Os Pensadores LII: *Ryle, Austin, Quine, Strawson*; Abril Cultural, 1975.

SPINOZA; TADEU, T. *Ética* - Edição Monolíngue. Belo Horizonte: Autentica, 2017.